

ERVATEIROS

A PÓS localizar-se na faixa diabásica e de arenito vermelho, na borda do planalto triássico do sul do Brasil, a colonização em Santa Catarina e no Paraná passou a se deslocar gradativamente para o próprio interior arborizado da região elevada que descamba para oeste.

Dado o isolamento dos núcleos agrícolas, então, privados de exportação pela inexistência de mercados próximos importantes e de necessárias vias de comunicação, a colonização ter-se-ia estancado, ou mesmo desaparecido, caso não viesse socorrê-la, a extração do mate que, geralmente no Paraná, é encontrado na mesma zona dos pinheiros, acompanhando os pinhais.

Embora ainda não seja possível caracterizar o verdadeiro tipo do ERVATEIRO, porque, antes de mais nada, são bem diversas as condições e a origem dos trabalhadores dos ervais, e um tanto diferentes, as feições físico-geográficas das zonas, onde o mate é colhido, consideradas, no caso, as duas regiões principais de produção — o oeste paranaense e o sueste matogrossense — pode-se, entretanto, afirmar que, em geral, o ERVATEIRO é o tipo do indivíduo que realiza, em cada ano, no seu erval, um modo de trabalho resultante da associação da exploração da floresta com a cultura dos campos, tudo segundo o ciclo das estações, as circunstâncias do regime agrícola, próprio, e de acordo, ainda, com a natureza das condições sociais prevalentes na região ervateira considerada.

Penetrando nos ervais ao cabo do primeiro semestre do ano, afim de realizarem a colheita no período de junho a outubro, os ERVATEIROS, chegado o verão, retornam aos campos e às pequenas culturas para, já no inverno próximo, irem repovoar a floresta. Repete-se, então, no sul do país, mas no sentido inverso, o fluxo e o refluxo que caracteriza, sob a pulsação sazonal, a atividade humana na exploração econômica dos seringais amazônicos. Durante a ausência dos chefes, a família do ERVATEIRO permanece nas terras cultivadas sob a guarda da mulher, que nem sempre se dedica à exploração das minas ou ervais.

A adaptação da floresta ao trabalho da extração da erva consiste, de início, no estabelecimento de ranchos ou acampamentos de tendas, onde, em bandos, turmas, ou seções, passarão os ERVATEIROS os meses necessários à colheita das folhas, pecíolos e pedúnculos das plantas pertencentes a espécie *Ilex paraguariensis* ou *PARAGUAIENSES* ou, às suas diversas variedades. Perto dos ranchos constroem-se graus ou carijos, ou, então, barbaquás, com o propósito de neles se realizar futuramente, e conforme o sistema preferido, a dessecação completa das folhas, pecíolos e pedúnculos, após a operação preliminar denominada sapeco ou sapecagem. Dentro, porém, do plano geral da Divisão de Defesa da Produção do INSTITUTO NACIONAL DO MATE, a denominação ranchos designaria apenas os agrupamentos de produtores, habilitados, e vinculados ao mate, que, assim integrados, constituiriam, então, o elemento celular da organização racional da produção. O rancho, desse modo considerado, passaria a se caracterizar, material e funcionalmente, por um triplice aparelhamento, composto do barbaquá (ou aparelho de secagem) do cancheador (ou aparelho de trituração do mate) e da peneira (ou aparelho de coagem da cancheada). Nos casos ordinários da exploração da planta silvestre, os ERVATEIROS, também às vezes denominados mineiros quando realizam, com tesouras e facões apropriados, os serviços de poda e corte, iniciam sua atividade propriamente ervateira, espanando, isto é, limpando com a foice o erval de plantas daninhas acaso nele existentes.

Cortados os ramos da erva são esses sapecados, segundo técnica especial, no mesmo local da extração, após terem sido amontoados em volta de uma fogueira (tatagüa dos paraguaios), geralmente construída numa superfície de uns seis pés quadrados. A operação denominada sapeco é de uma grande importância, porque influe na melhoria do aspecto e do paladar do mate. Quebrados à mão e selecionados, os ramos são transportados em feixes para o local onde se encontra o barbaquá, ou então o carijo, para que, num deles, se realize o primeiro beneficiamento, segundo o sistema paraguaio, no primeiro caso, e conforme o sistema brasileiro, no segundo.

Instalações de madeira protegidas por uma cobertura geralmente de folhas de palmeira, de taquara, ou de sapé, no barbaquá e no carijo, os feixes de ervas são submetidos ao calor lento, residindo na maneira de se levar o calor à planta, a diferença essencial entre ambos. No barbaquá o calor é recebido de uns oito a dez metros de distância vindo de um fogão isolado, ao passo que no carijo, o fogo é direto sob a armação de madeira, penetrando calor e fumaça, simultaneamente, nos feixes de ervas em beneficiamento, circunstância que prejudica o sabor do mate resultante, dando-lhe um paladar estranho, que o barbaquá consegue evitar. O aspecto e o tipo das instalações refletem as condições financeiras dos extratores — produtores, estando atualmente abandonados por assim dizer, aqueles aparelhamentos que não mais correspondem às exigências do fino paladar e ao grau de progresso a que já atingiu a indústria do mate, indústria genuinamente brasileira, desde os industriais, até aos capitais, passando pela matéria prima e pelos operários.

Colheita, sapecagem, condução, dissecação — fases importantes na vida profissional do Ervateiro — devem estar terminadas no prazo de vinte e quatro horas, sendo de seis no máximo o número de horas empregadas na dissecação realizada no barbaquá, sem o que se prejudicará o aroma e a cor do produto. Do barbaquá passa-se à cancha, espécie de batედouro, onde as folhinhas são quebradas com bastões de madeiras, e cercado de paredes também de madeira. É do sistema de cancha que deriva a expressão erva-cancheada. Ensacada e empilhada em depósitos, a erva é conduzida para os engenhos de beneficiamento, cujos principais se encontram localizados em Curitiba e Joinville.

Além de nuclear toda uma original massa de trabalhadores especializados, o mate contribuiu para caracterizar o tipo do gaúcho com o seu inseparável chimarrão e para enriquecer o folclore do Brasil-sul, de que nos pode dar idéia o seguinte exemplo, recolhido pelo historiador ROMÁRIO MARTINS, altamente expressivo na quadra atual que o mundo atravessa:

"PEÇO POUCO NESTA VIDA
 "PRÁ MINHA FELICIDADE:
 "UMA CABROCHA DESTORCIDA,
 "UMA VIOLA BEM SENTIDA,
 "FACÃO, MATE E LIBERDADE".

